

# Vivências educacionais na EJA: a afetividade no processo de ensino e aprendizagem

## AUTORIA

Ester Costa de Oliveira Dias 

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação Sócio-Comunitária pela UNISAL. Docente da FUMEC - Fundação Municipal para Educação Comunitária - Campinas/SP.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6530-9080>

E-mail: estercostaoliveiradias@gmail.com

Recebido em: 10 dez. 2025 | Aprovado em: 01 jan. 2026

DOI: <https://doi.org/10.28998/cdp.v2i1.20367>

## Introdução

Durante todo o percurso em sala de aula na EJA, tenho visto como a relação entre os estudantes e o educador é um fator essencial e que a afetividade vem contribuindo com todo esse desenvolvimento cognitivo e as relações pedagógicas. Também mostra que o ambiente escolar contribui e muito para que todas essas habilidades do conhecimento se realizem. Podemos citar o autor Paulo Freire (1996) que na mesma percepção:

... defende que ensinar exige amorosidade, diálogo e respeito aos saberes e à história de vida dos educandos. E também que não existe prática educativa neutra: toda ação pedagógica é atravessada pelas relações humanas que se estabelecem em sala de aula. E aqui o afeto não se resume a uma dimensão emocional, mas constitui uma postura ética, política e pedagógica que reconhece o estudante como sujeito.

E como vamos aprendendo no dia a dia que além de todo conteúdo para ser ensinado temos que observar, e ter um olhar diferenciado para cada estudante da EJA já que cada um possui sua história de vida, seus desejos e suas limitações. E segundo o autor Paulo Freire (1996, p. 141):

Ensinar exige querer bem aos educandos. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. A afetividade acha excluída da cognoscibilidade.

Diante disso que vamos observando nesses anos de sala de aula que ao voltar frequentar a sala de aula, o estudante da EJA chega com uma bagagem de conhecimentos da vida, ou seja saberes essenciais de sobrevivência, mas também uma bagagem enorme de medo, vergonha e insegurança de ser reprovado. Porque ao relembrar suas memórias concluem que ora foram impedidos de estudar e outros não tiveram acolhimento necessário para aprender e sim tiveram experiências negativas no mundo escolar. Um exemplo de sala de aula que vivenciei como docente revelou que muitos estudantes não gostam de usar a borracha, como um bloqueio de que errar e apagar é feio.

Estudar e compreender a afetividade como parceira do processo de ensino e aprendizagem, só aumentará o vínculo de respeito e segurança entre os estudantes e educador e com certeza esse fator contribuirá para o sucesso escolar na EJA,

tanto de permanência e aumento da autoestima. Também nesse contexto vou citar Paulo Freire (2003, p.137-139), que expõe:

Saber ouvir o aluno é respeitar e valorizar a sua história, seus conhecimentos de mundo que traz consigo em sua bagagem cultural e discutir com eles a razão desses saberes em relação aos conteúdos ensinados. É ter humildade frente às diferenças e incompletudes dos alunos, seres em constante aprendizagem. É ter humildade para aceitar e saber dialogar com aquele que fala e / ou escreve de uma maneira diferente normas padrões da gramática. Ao reconhecer a leitura de mundo do aluno, o professor está valorizando o seu saber cotidiano.

Tudo isso acontece nessa modalidade da Educação de Jovens e Adultos e quero reforçar que a EJA está assegurada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), no Capítulo II, Seção V, Artigo 37: Art. 37.

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. & 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. & 2º O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Esse direito é reforçado também no PNE que é O Plano Nacional de Educação (PNE, 2014 - 2024) é claro em estabelecer:

- 9.1 – assegurar a oferta gratuita de Educação de Jovens e Adultos a todos os que não tiveram acesso à Educação Básica na idade própria;
- 9.2 – realizar diagnóstico dos jovens e adultos com Ensino Fundamental e Médio incompletos para identificar a demanda ativa por vagas na Educação de Jovens e Adultos; [...]
- 9.7 – implementar ações de alfabetização de jovens e adultos com garantia de continuidade da escolarização básica; [...]
- 9.11 – assegurar a oferta de Educação de Jovens e Adultos nas etapas de Ensino Fundamental e Médio às pessoas privadas de liberdade em todos os estabelecimentos penais, assegurando-se formação específica dos professores e das professoras e implementação de diretrizes nacionais em regime de colaboração;
- 9.12 – considerar, nas políticas públicas de jovens e adultos, as necessidades dos idosos, com vistas à promoção de políticas de erradicação do analfabetismo, ao acesso a tecnologias educacionais e atividades recreativas, culturais e esportivas, à implementação de programas de valorização e compartilhamento dos conhecimentos e experiências dos idosos e à inclusão dos temas do envelhecimento e da velhice na escola.

Sempre é necessário enfatizar esses direitos em relação à EJA, porque no cotidiano tanto os estudantes e educador precisam fiscalizar se os mesmos estão se cumprindo. Nesse contexto, Haddad (2002) alerta que:

Ainda que o campo educacional da EJA esteja sendo gradativamente institucionalizado em uma modalidade de ensino, não se deve perder de vista a dimensão histórica de luta pelo “direito” à educação básica de qualidade, intrínseca ao campo educativo da EJA por meio de suas conquistas. O autor esclarece: Mesmo a EJA estando cada vez mais próxima das instituições oficiais de ensino e das reflexões sobre escolarização, isto não a isola ou não parece poder isolá-la do debate mais amplo que ainda permanece vivo nos movimentos populares sobre a necessidade de se pensar numa educação que ultrapasse os objetivos utilitaristas de certificação e abra-se para uma perspectiva de conquista de direitos. (Haddad, 2002, p. 16)

Neste trabalho mostro como a centralidade da Afetividade na construção do ensino e aprendizagem atua como uma grande parceira do educador ao enfatizar na vida dos estudantes da EJA, não somente o reconhecimento de seu “Direito”, como também o sentido que a educação desencadeia nos estudantes mediada por seus sentimentos e ressignificações.

## **Metodologia**

Essa pesquisa de abordagem qualitativa foi realizada dentro do espaço escolar, com o objetivo de buscar juntos com os estudantes em suas memórias o que a escola representa para eles e qual a vivência deles no contexto escolar. Inicialmente fiz uma pesquisa bibliográfica fundamentada com alguns autores voltados ao tema e a modalidade da EJA. Os referenciais foram de extrema importância para o tema afetividade junto a construção do conhecimento do ensino e aprendizagem, mostrando como a relação entre estudantes e educador deve ser de diálogo, empatia e compreensão neste contexto escolar de vivências ricas e grande complexidade no mundo atual. Aqui vou socializar segundo o autor Cury (2008, p.48) aspectos afetivos são tratados na Educação de Jovens e Adultos:

[...] A afetividade deve estar presente nas práticas do educador [...] os educadores apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, o sentimento altruísta enfim, todas as áreas da possibilidade não podem serem ensinadas por máquinas e sim por seres humanos.

A pesquisa de campo ocorreu dentro da Escola com turmas multisserieadas de EJA – etapa I na FUMEC em Campinas-SP. Participaram do estudo estudantes com idades entre 24 e 72 anos, porém nem todos quiseram participar devido às dificuldades de voltar ao passado e rever memórias que alguns preferem não relatar, mas agora após feito essas entrevistas vimos que muitas histórias são caracterizadas por problemas familiares, profissionais e de saúde. Hoje vimos a importância de se respeitar os ritmos e particularidades desses estudantes no processo de ensino e aprendizagem.

Utilizamos para a coleta de dados as entrevistas gravadas para depois serem redigidas e também todos que participaram foram de forma voluntária e seus dados e nomes preservados, apenas usamos as abreviações. Outro dado importante dessa turma entrevistada apenas um aluno quis participar as demais foram alunas quiseram participar. Também tivemos a entrevista com um educador da EJA que se voluntariou para falar da importância da educação nessa modalidade, e aqui reforçamos a importância de uma pesquisa que além de qualitativa, bibliográfica é do tipo participante e segundo Godoy (1995):

[...] a pesquisa qualitativa permite estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais em diferentes ambientes, estes fenômenos devem ser analisados posteriormente numa perspectiva integrada, em que o pesquisador deve ir a campo com objetivo de “captar” o fenômeno em estudo, considerando pontos de vistas relevantes e as formas de expressão e linguagem dos sujeitos pesquisados. Este tipo de pesquisa não é rígido, permitindo a imaginação e criatividade do pesquisador.

Após os relatos nas entrevistas podemos observar na sala de aula que a interação e o diálogo melhoraram entre estudantes e o educador, isso só contribuindo para reforçar a importância do papel da afetividade na EJA para efetivação da aprendizagem.

## Histórias de vidas na EJA

Vamos socializar algumas das entrevistas realizadas com os estudantes que teve como pergunta inicial, Quem sou eu? Um sonho? O que a Escola representa na minha vida? E isso dentro do Projeto Cidadania que realizei sempre no início do ano, para conhecer os estudantes e planejar atividades pedagógicas para a turma. Segue alguns dos relatos: A trajetória escolar interrompida na infância ainda marca profundamente muitos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O relato analisado exemplifica essa realidade ao apresentar a experiência de uma mulher que, por imposição familiar, não pôde frequentar a escola durante a infância. A escola, quando acessível, era permeada por práticas rígidas e punitivas, o que dificultou o vínculo com o aprender. Como resultado, a única habilidade adquirida naquele período foi a escrita do próprio nome.

Ao ingressar na vida adulta, já estabelecida em São Paulo e inserida no mercado de trabalho, a ausência de escolarização tornou-se uma limitação constante, especialmente pela dependência de terceiros para realizar atividades simples de leitura. Esse incômodo, somado ao desejo de autonomia e à motivação espiritual — particularmente o anseio de ler a Bíblia por conta própria — impulsionou a busca pela escolarização. A partir do contato com a FUMEC, encontrou na comunidade um espaço de aprendizagem acessível, que há mais de uma década tem contribuído para o desenvolvimento de suas habilidades de leitura.

Embora continue enfrentando desafios para escrever de forma independente, o avanço na leitura demonstra o impacto de um ambiente pedagógico acolhedor. Ao contrário do ambiente escolar rígido vivenciado na infância, a prática educativa

atual se apoia no respeito, no acolhimento e na valorização das experiências de vida do estudante. A afetividade fortalece a autoestima, reduz a insegurança diante das dificuldades e estimula a permanência nos estudos, mesmo para aqueles que concilham a rotina intensa de trabalho — como no caso da estudante, que atua como diarista e reorganiza seus horários para garantir a participação nas aulas.

A história evidencia que aprender na idade adulta não é apenas um ato cognitivo, mas também emocional. A construção de vínculos positivos com o professor, com a turma e com o próprio processo de aprender torna-se decisiva para que o estudante reescreva sua relação com o conhecimento. Assim, a afetividade opera como instrumento pedagógico fundamental, contribuindo para superar traumas escolares, fortalecer a autoconfiança e promover a continuidade da trajetória educativa.

A estudante segue determinada a alcançar seu principal objetivo: ler e escrever com liberdade, reafirmando que aprender, na EJA, é um gesto de coragem, fé e resistência, sustentado por práticas amorosas e humanizadoras. (ALUNA M.J.S)

Desde a infância, a aluna enfrentou barreiras para estudar: o pai não permitia a ida à escola, o trabalho vinha antes, e o ambiente escolar era marcado por rigidez e castigos, o que dificultou ainda mais o aprendizado. Assim, aprendeu apenas a escrever o próprio nome.

Ao chegar à vida adulta, já em São Paulo, a falta de estudo continuou sendo uma dor presente, pois dependia dos outros para ler. O desejo de independência, aliado ao sonho de ler a Bíblia por si mesma, motivou o retorno à escola. Por meio da FUMEC, encontrou um espaço acolhedor para aprender e, com o apoio das aulas, passou a reconhecer letras, palavras e a ler pequenos textos.

Mesmo conciliando a rotina pesada de diarista, mantém o compromisso com os estudos e organiza seus horários para frequentar as aulas.

Nesse caminho, a afetividade tem papel essencial: o acolhimento, o respeito à sua história, a paciência dos educadores e a criação de um ambiente seguro fortalecem sua autoestima e dão coragem para continuar aprendendo. Para alunos da EJA, como ela, a afetividade é um elemento transformador, pois ajuda a superar traumas escolares, medos e inseguranças, tornando o processo de alfabetização mais leve, significativo e humano.

Seu objetivo permanece firme e cheio de sentido: ler e escrever com liberdade, aprendendo no seu tempo, com fé, força e apoio afetivo que alimentam sua trajetória. (ALUNA D.S.M)

O relato apresenta a trajetória de vida de uma estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA), marcada por pobreza extrema, violência física e psicológica, trabalho infantil e interrupções escolares. Desde a infância, a aluna conviveu com jornadas exaustivas de trabalho, fome, castigos e tentativas de abuso paterno, o que comprometeu seu acesso à educação formal. Mesmo após iniciar a escolarização aos 11 anos, foi impedida de prosseguir e enfrentou situações de humilhação e exclusão no ambiente escolar. Na adolescência, assumiu

responsabilidades laborais e vivenciou a perda trágica de um irmão, além de repetir, no casamento, ciclos de violência semelhantes aos vividos na família de origem.

Apesar das adversidades, manteve o desejo de estudar e, já adulta, ingressou em um programa de EJA na FUMEC, enfrentando inicialmente sentimentos de vergonha e insegurança. Com o apoio afetivo de professores e colegas, fortaleceu sua autoestima e retomou seu processo de aprendizagem. A experiência no EJA possibilitou-lhe ressignificar sua história, reconhecer seu valor e desenvolver autonomia, demonstrando o papel crucial da escola como espaço de acolhimento, superação e reconstrução identitária. (ALUNA A.M.R.S)

O relato apresenta a trajetória de uma mulher que cresceu na zona rural de Minas Gerais, em uma família numerosa, marcada pelo trabalho precoce e pela dificuldade de acesso à escolarização. Na infância, frequentou a escola por apenas um ano, período em que conseguiu aprender a escrever o próprio nome, mas retornou ao trabalho na roça devido à resistência familiar e às condições socioeconômicas. Na juventude, migrou para Campinas com a família, enfrentando precariedades habitacionais e inserção em trabalhos informais e braçais, agravados por situações de vulnerabilidade e constrangimento. A ausência de escolaridade formal impactou seu cotidiano, especialmente nas atividades laborais, mas não eliminou seu desejo de aprender. Somente na vida adulta, após a perda do marido, iniciou seus estudos na FUMEC, onde encontrou apoio, pertencimento e oportunidades de desenvolvimento intelectual. O acesso à educação possibilitou avanços significativos em leitura, escrita e cálculo, fortalecendo sua autonomia, autoestima e perspectivas de futuro. Sua história evidencia a centralidade da EJA como espaço de transformação social e reafirma que a aprendizagem ao longo da vida é fundamental para a construção da dignidade, da autonomia e da cidadania. (ALUNA J.M.P)

A estudante relata ter nascido em Banconceiro, Pernambuco, em uma família numerosa na qual o acesso à escola não era permitido, apesar de existir na comunidade. Desde a infância, nutria o desejo de estudar, mas permaneceu afastada da escolarização por imposições familiares e pelo medo das práticas punitivas comuns à época. Apenas na vida adulta, aos trinta anos, após enfrentar dificuldades decorrentes do analfabetismo - especialmente no cuidado dos filhos, no trabalho e em situações cotidianas que exigiam leitura e escrita - decidiu retornar aos estudos. O apoio de uma irmã e o ingresso na FUMEC marcaram o início de sua trajetória educativa, já há cerca de cinco anos. Nesse processo, desenvolveu aprendizagens importantes, como escrever seu nome, reconhecer letras e estabelecer vínculos afetivos na escola. Para a estudante, estudar representa autonomia, superação e realização de sonhos, especialmente o de aprender a ler para comunicar-se melhor e acessar a Bíblia. Apesar dos desafios cotidianos, afirma que a educação se tornou uma conquista significativa e transformadora, reafirmando a ideia de que nunca é tarde para aprender. (ALUNA I.S.S)

Este estudo apresenta o relato de trajetória escolar e de vida de uma mulher nascida em Taiaçu, Bahia, terceira de dezesseis irmãos, cuja infância foi marcada simultaneamente pelo trabalho na roça, pela responsabilidade precoce e por vivências lúdicas que contribuíram para sua formação. A aluna enfrentou, desde cedo, desafios significativos decorrentes de sequelas de paralisia infantil, que impactaram sua mobilidade e geraram episódios de preconceito e bullying no ambiente escolar, ocasionando sua evasão ainda na infância. Após anos afastada da escola, retomou os estudos na fase adulta, aos 43 anos, ingressando na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na FUMEC, onde pôde reconstruir seu vínculo com a aprendizagem e desenvolver habilidades de leitura e escrita antes pouco trabalhadas. A trajetória evidencia também barreiras sociais, emocionais e cognitivas — incluindo discriminação, dificuldades de memória e diagnóstico de déficit de atenção — que tornam o processo de escolarização um percurso de resistência. Apesar disso, a estudante demonstra perseverança, motivação e objetivos claros relacionados ao fortalecimento da fé, à participação comunitária e à continuidade dos estudos. O relato destaca a importância da EJA como espaço de acolhimento, inclusão e promoção da autonomia, evidenciando como educação e espiritualidade podem atuar como pilares de superação e agência pessoal. (ALUNA E.M.S)

A trajetória educacional do participante inicia-se em Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, onde passou a infância em uma região marcada pela distância entre os serviços públicos e os centros urbanos. Durante os primeiros meses de vida, enfrentou um quadro de meningite que resultou em longa hospitalização e deixou sequelas significativas, como a paralisia do lado esquerdo do corpo e o desenvolvimento de epilepsia, cujas crises se manifestaram a partir dos sete anos de idade. Essas condições de saúde impactaram diretamente sua infância e sociabilidade, levando-o a perceber-se diferente das outras crianças.

Devido às limitações físicas e à distância da escola, não teve acesso à educação formal na primeira infância. A escolarização só se tornou possível anos mais tarde, quando, por volta dos dezoito anos, mudou-se com a família para a cidade de Campinas (SP), onde havia escolas mais próximas de sua residência. Entretanto, a permanência nesse novo contexto escolar foi breve, uma vez que enfrentou situações de preconceito e discriminação por parte dos colegas, especialmente durante os momentos de recreação, nos quais se sentia isolado. Apesar das dificuldades, foi nesse período que conseguiu dar seus primeiros passos na leitura e na escrita, aprendendo a escrever o próprio nome e a reconhecer palavras.

Sua trajetória de escolarização foi marcada por idas e vindas entre Ceará e São Paulo, o que interrompeu repetidamente seu processo de aprendizagem. Somente aos 44 anos, já novamente residindo em Campinas, decidiu retomar os estudos ao ingressar na Escola da FUMEC, onde teve contato com a oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse retorno representa não apenas a continuidade de sua formação, mas também um processo de superação das experiências anteriores de rejeição e exclusão escolar.

Atualmente, o participante afirma sentir-se acolhido no ambiente educacional, destacando a importância de estar em um espaço onde é respeitado e incentivado. A EJA, nesse sentido, tem proporcionado condições para que possa reconstruir sua relação com a aprendizagem, reafirmando a compreensão de que “nunca é tarde para aprender”. Ele relata avanços significativos na leitura e na escrita, reforçando sua motivação para seguir estudando e desenvolvendo novas habilidades, compreendendo o processo educativo como um percurso contínuo, realizado passo a passo. (ALUNO F.H.S)

Este relato apresenta a trajetória educacional de uma mulher nascida na zona rural de Igaci, Alagoas, cuja infância foi marcada pelo trabalho agrícola e pela ausência de acesso à escola. Impedida de estudar na infância e submetida a práticas escolares rígidas e punitivas, aprendeu apenas a escrever o próprio nome. Na juventude, migrou para São Paulo em busca de melhores condições de vida, constituindo família e inserindo-se no mercado de trabalho, mas convivendo com as limitações impostas pelo analfabetismo. Movida pelo desejo de autonomia e pela motivação religiosa de ler a Bíblia, ingressou na FUMEC, retomando os estudos em turmas oferecidas em espaços comunitários. Ao longo de mais de dez anos, desenvolveu avanços significativos na leitura, embora ainda enfrente dificuldades na escrita, conciliando as aulas com o trabalho como diarista. Sua trajetória evidencia a importância da educação como instrumento de emancipação, fé e resistência, destacando o papel da EJA na reparação de processos históricos de exclusão escolar. (ALUNA C.F.S).

### **A importância da afetividade na educação de jovens e adultos – EJA**

A Educação de Jovens e Adultos – EJA está em ascensão e cada vez mais acessível no Brasil devido à política de educação das últimas décadas.

A docência pra esse público específico requer múltiplas habilidades dos professores, pois o ensino técnico é o da educação básica, do letramento, alfabetização matemática e metodologias contextualizadas, pois apesar de leigos no ensino, esses alunos já possuem experiência de vida.

Porém, há uma questão que é tão importante quanto ao conteúdo e às metodologias utilizadas pelos professores junto aos alunos da EJA, que é a Afetividade, que uma atitude de acolhimento e empatia com os alunos.

Os alunos da EJA em sua grande maioria são adultos que não tiveram a oportunidade de se alfabetizarem na idade correta por diversos motivos, e só o fato de estarem retornando aos bancos escolares traz um sentimento dúvida, de realização e às vezes de vergonha também.

Nesse ponto que além das técnicas de Andragogia aplicada pelos docentes, a Afetividade entra em campo para fazer a diferença, o carinho, o respeito com esses alunos, a paciência ao ensinar respeitando o tempo de cada um no aprendizado, demonstrando que ele está em um ambiente seguro, acolhedor, e que o professor está ao lado dele para ajudá-lo, e entende suas dificuldades mas nem por isso vai abandoná-lo.

Percebe-se por parte dos alunos da EJA uma gratidão enorme para com esses docentes, nem tanto pelo conhecimento transmitido, que hoje com a tecnologia é até bem acessível, mas pela Afetividade com que é tratado pelos professores, pelo cuidado e pela atenção e carinho que recebem.

Isso faz toda a diferença ao final do processo, desde uma evasão mínima, até um comprometimento maior nos estudos e além da gratidão, resultados práticos melhores para a vida de cada um desses alunos.

O mundo está com falta de Afetividade, empatia, atenção das pessoas entre si e de profissionais em geral, mas na EJA especificamente, essas virtudes estão em alta, sendo aplicadas e colhendo frutos. Que possamos distribuir Afetividade em todos os momentos da nossa vida, igual aos docentes da EJA. (FALA DE UM EDUCADOR R.F)

## **Resultados e discussão**

Após os relatos vimos que é necessário buscar mais metodologias que visam a importância da afetividade com princípios de respeito, diálogos à vivência e experiência desses estudantes que foram marginalizados nesse contexto social, econômico e social numa sociedade muito injusta e desigual. Agora dá para reconhecer a importância do acolhimento e vínculo afetivo entre estudantes e educador, o que pode ajudar a motivação e o desejo de mudar a própria história tanto no sentido profissional e emocional. E esta pesquisa através do Projeto de Cidadania veio para compreender melhor os significados e experiências desses estudantes na modalidade da EJA, e como devemos trabalhar sempre a autoestima e confiança desses estudantes, mostrando que são capazes de serem autores das suas próprias histórias. E cabe também a escola transformar todo o ambiente escolar para assegurar uma aprendizagem significativa e de valores de solidariedade e cooperação visando a conclusão do desejo da leitura e escrita e desenvolvimento integral desses estudantes da EJA. E isso se confirma conforme citado pela autora Osti, Andréia (2004):

Acredita-se que quanto mais o aluno confiar, se sentir apoiado e respeitado pelo professor, mais ele demonstrará suas dúvidas e dificuldades, não se negando ou escondendo seus problemas. E o professor, poderá sentir-se mais confiante e capaz no desenvolvimento de seu trabalho, pois contará com a verdade e transparência no relacionamento com seus alunos, pois esses terão a liberdade de não apenas expor suas dúvidas, mas demonstrarem quando o método ou atividade utilizada pelo professor não estiver atingido o objetivo proposto por ele.(p.20).

Nesse contexto, emerge a relevância da Afetividade como elemento estruturante do processo de alfabetização na EJA. Faz-se necessário que a escola tenha educadores sensíveis a essa realidade e que investir em Afetividade como uma ferramenta pedagógica é mais uma forma de humanização com esses estudantes que retornam à escola em busca de novas oportunidades e realizações de sonhos.

## Considerações finais

Ao finalizar esse trabalho vejo que novamente temos muito o que aprender sobre Educação em EJA, principalmente em como contribuir efetivamente na vida dos estudantes que passam por minhas mãos, e que tenho como desafio de conscientizar e ajudar melhorar esse cidadão no desenvolvimento de ensino e aprendizagem, que depois de muitos anos volta aos bancos escolares com desejos, sonhos mas também cheios de receios, medos e insegurança. Que possamos como educador da EJA ajudar transformar a escola como espaços de segurança, acolhimento emocional e que realmente tenha Afetividade para que a aprendizagem se torne mais significativa e atuante, para formar cidadãos mais críticos e capazes de lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. E para finalizar deixo às palavras de Paulo Freire sempre pensando numa educação dialógica e humanizadora.

Ao perceber o ontem, o hoje e o amanhã, o ser humano percebe a consequência da sua ação sobre o mundo, nas diferentes épocas históricas, se torna o sujeito da sua história e por isso responsável por ela. Faz hoje o que se tornou possível pelo ontem. Fará amanhã o que está semeando hoje. (Freire, 2000, p. 67)

## Referências

- Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.
- Brasil. Ministério de Educação e Cultura. LDB - *Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Brasília: MEC, 1996.
- Brasil. Ministério da Educação. (2000). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: MEC, 2000.
- Brasil. Ministério da Educação. Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos. Vol. 1. Brasília, 2002.
- Brasil. Ministério de Educação. Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2014 – 2024. Brasília, 2014.
- Cury, A. *Pais Brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextane; 2008.
- Dias, E. C. O. *Pastoral da Criança: Uma travessia para a Educação Sociocomunitária e suas intervenções no bairro Cidade satélite Íris I em Campinas*. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Americana-SP: UNISAL, 2016.
- Freire, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- Freire, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Gil, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

Godoy, A. *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.* v. 35, n. 3, p. 20-29, jun.1995.

Haddad, S. (Coord.). *Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998).* Brasília, DF: MEC/INEP, 2002. (Estado do Conhecimento, v. 8)

Oliveira, I. B. ; Paiva, J. *Educação de jovens e adultos.* Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Oliveira, M.K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico.* 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1997.

Osti, A. *As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor / Andréia Osti.* Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Tassoni, E.C.M. *Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula.* 2000. 233f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

Tassoni, E.C.M.; Leite, S.A.S. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. *Educação*, Porto Alegre, v.36, n.2, p.262-271, maio/ago. 2013.

### Vivências educacionais na EJA: a afetividade no processo de ensino e aprendizagem

### Educational experiences in EJA: affectivity in the teaching and learning process

### Experiencias educativas en EJA: afectividad en el proceso de enseñanza y aprendizaje

Resumo	Abstract	Resumen
A afetividade tem sido discutida como um ponto estratégico para ampliar os processos de ensino e aprendizagem, especialmente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), estratégia chave da prática pedagógica. Esta pesquisa qualitativa teve como respondentes os estudantes da turma EJA na FUMEC (Fundação Municipal para Educação Comunitária-Campinas/SP) por meio de entrevistas e diário de campo. Os resultados revelam que a motivação, o sentimento de acolhida e de pertencimento são pontos consideráveis no processo de aprendizagem. Por meio de suas memórias, os estudantes identificaram os fatores que possibilitaram ou dificultaram o seu percurso no espaço escolar. Nas relações educador e estudantes de EJA a afetividade se torna uma ferramenta essencial para o desenvolvimento e visão de mundo das pessoas.	Affectivity has been discussed as a strategic point to expand the teaching and learning processes, especially in Youth and Adult Education (EJA), a key strategy of pedagogical practice. This qualitative research had as respondents the students of the EJA class at FUMEC (Municipal Foundation for Community Education-Campinas/SP) through interviews and field diary. The results reveal that motivation, the feeling of welcome and belonging are considerable points in the learning process. Through their memories, the students identified the factors that made it possible or difficult for them to travel in the school space. In the relationships between educator and EJA students, affectivity becomes an essential tool for people's development and worldview.	La afectividad se ha debatido como un punto estratégico para ampliar los procesos de enseñanza y aprendizaje, especialmente en la Educación Juvenil y de Adultos (EJA), una estrategia clave de la práctica pedagógica. Esta investigación cualitativa contó con los participantes de la clase de EJA en FUMEC (Fundación Municipal para la Educación Comunitaria - Campinas/SP) mediante entrevistas y un calendario de campo. Los resultados revelan que la motivación, el sentimiento de bienvenida y de pertenencia son puntos importantes en el proceso de aprendizaje. A través de sus recuerdos, los estudiantes identificaron los factores que les dificultaban o les dificultaban desplazarse por el espacio escolar. En las relaciones entre educadores y estudiantes de EJA, la afectividad se convierte en una herramienta esencial para el desarrollo y la visión del mundo de las personas.
<b>Palavras-chave:</b> Afetividade. Aprendizagem; Experiências e relações na EJA.	<b>Keywords:</b> Affection. Apprenticeship; Experiences and relationships in EJA.	<b>Palabras clave:</b> Afecto. Aprendizaje; Experiencias y relaciones en EJA.